

ASSOCIAÇÃO PARA O ESTUDO ARQUEOLÓGICO DA BACIA DO MONDEGO - EAM

---

# Trabalhos de Arqueologia da EAM



Edições *Colibri*  
1993

1

## O sítio do Bronze Final da Malcata (Carregal do Sal): uma primeira análise\*

João Carlos de SENNA-MARTINEZ<sup>1</sup>  
com a colaboração de: Leonor ROCHA e Rita P. RAMOS<sup>2</sup>

### 1. Localização e ambiente

O sítio arqueológico da Malcata localiza-se a cerca de quatro quilómetros e meio a sudoeste de Beijós - como quem diz do Outeiro dos Castelos, em relação ao qual possui contacto visual (Fig.1) - sobre uma rechã posicionada sensivelmente a meia altura (253m) da vertente sul do vale da Ribeira de Beijós e sobranceira à confluência desta com o Dão, freguesia de Beijós, concelho de Carregal do Sal. As suas coordenadas são 210.65/390.475 GAUSS, na Folha 199 da Carta Militar de Portugal 1:25000 (Fig.1-3).

O sítio fica junto e a sul de um caminho florestal que liga a povoação de Lage de Felgar a antigas azenhas, junto à confluência do Dão com a Ribeira de Beijós. A rechã em que se localiza, de subsolo granítico, é enquadrada por esta última a norte, pelo Dão a ocidente e, a sul, por uma linha de água afluente deste.

A área em que se situa é predominantemente ocupada por cambissolos<sup>3</sup>, geralmente pouco profundos, formando algumas manchas de solos de "Classe A", entremeadas por manchas de "Classe C e F", de capacidade agrícola reduzida (com limitações moderadas ou acentuadas) ou apenas florestal<sup>4</sup>, com alguma horticultura e cultivo de milho e da oliveira em socalcos ou nas baixas aluviais, ocupando a vinha algumas das vertentes e parte dos interflúvios entre os cursos de água principais. Contudo, importa referir que, o carácter fortemente trabalhado dos solos mais ricos e a grande transformação, provavelmente pós-medieval, da paisagem, com acentuada desflorestação das encostas e preenchimento do fundo dos vales, obriga-nos a grande prudência na possível transferência dos dados actuais para possível utilização no período que aqui nos importa.

\* Comunicação às *1 Jornadas de Arqueologia da Beira Interior*, Castelo Branco, 1991.

<sup>1</sup> Professor Auxiliar da Faculdade de Letras de Lisboa. Director do Programa de Estudo Arqueológico da Bacia do Médio e Alto Mondego (PEABMAM). *Instituto Alexandre Herculano de História Regional e do Municipalismo e Instituto de Arqueologia* da Faculdade de Letras de Lisboa. 1699 LISBOA CODEX. PORTUGAL.

<sup>2</sup> Licenciadas em História/Variante de Arqueologia pela Faculdade de Letras de Lisboa. Na altura da primeira elaboração deste texto eram alunas do 3º Ano do mesmo curso.

<sup>3</sup> cf. "Carta dos Solos", *Atlas do Ambiente*, III.1, Lisboa, 1978.

<sup>4</sup> cf. "Carta de Capacidade de Uso do Solo", *Atlas do Ambiente*, III.3, Lisboa, 1978.

O sítio em si corresponde a uma área ocupada por pinhal, hoje a ser substituído por eucalipto, cujo plantio revelou, recentemente, este e outros sítios arqueológicos na região.

## 2. Os antecedentes

O sítio arqueológico da Malcata, anteriormente desconhecido, foi identificado em 1990 por Horácio Peixoto - colaborador local do PEABMAM desde 1985 - que conduziu ao local uma equipa de prospecção que procedeu às recolhas de materiais aqui objecto de estudo<sup>5</sup>.

## 3. Observações de terreno e condições de recolha e estudo dos materiais

Todo o esporão em que se situa a rechã correspondente ao sítio da Malcata foi alvo de preparação do terreno para plantio de eucalipto. O sítio apresenta-se, assim, com o solo profundamente revolvido pela máquina utilizada e que trouxe à superfície os materiais recolhidos. O facto destes se concentrarem numa área de menos de dez metros de diâmetro máximo, onde apareceu, do mesmo modo, uma quantidade apreciável de "barro de revestimento" cozido (por incêndio?) e de "barro de lareira", conduz-nos a pensar, tal como a análise dos próprios materiais culturalmente muito homogêneos, podermos estar em presença dos restos de uma habitação, talvez uma pequena cabana (ou casal agrícola?).

Os materiais integram fundamentalmente olaria fragmentada, mas que possibilita a reconstituição, gráfica e mesmo material, de diversos recipientes, além de um fragmento de dormente de uma mó manual em granito, elementos que parecem dar alguma força ao acima aduzido.

As prováveis pequenas dimensões do habitat em causa contrastam com as áreas, substancialmente maiores, ocupadas pelos restantes povoados coevos por nós anteriormente estudados (SENNA-MARTINEZ, 1989: 189-220) e aproximam-se, neste particular, do sítio do Cabeço do Cucão da Pedra Cavaleira, objecto de outra comunicação às I Jornadas de Arqueologia da Beira Interior e igualmente integrado neste volume (cf. SENNA-MARTINEZ, et alii. neste vol.b.).

Uma primeira análise e o tratamento gráfico dos materiais estudados foram realizados, sob nossa orientação e no âmbito de um trabalho escolar, por Leonor Rocha e Rita P.Ramos. O presente texto, integrando embora essa colaboração, é de nossa exclusiva responsabilidade.

## 4. Os materiais

Os materiais recolhidos neste sítio arqueológico são quase exclusivamente consti-

<sup>5</sup> Agradecemos às Dras. Teresa Graça e Luisa Portela, colaboradoras do PEABMAM e responsáveis por este reconhecimento, a comunicação dos dados base para o enquadramento dos materiais aqui alvo de estudo.

tuídos por olaria manual fragmentada que permitiu calcular um número mínimo<sup>6</sup> de 21 recipientes, dos quais 17 (81%) permitem cálculo do diâmetro do bocal, 8 (38.1%) possibilitam atribuição a uma Forma e apenas 5 (23.8%) autorizam reconstituição gráfica integral<sup>7</sup>.

Tratando-se de exemplares provenientes de uma simples recolha de superfície, parece-nos particularmente interessante o facto das frequências apontadas acima ultrapassarem bastante os valores encontrados para os conjuntos provenientes da "Cabana" do Sector A do Cabeço do Crasto de São Romão (CSR-A [12,47]) e do espaço de habitat aberto do Sector C.III (CSR-C.III [103,105]) do mesmo sítio arqueológico (cf. SENNA-MARTINEZ, neste vol. a.), aproximando-se dos valores obtidos para a ocupação do Bronze Final do Buraco da Moura de São Romão (cf. SENNA-MARTINEZ, *et alii.*, neste vol. b.).

Não obstante a natureza contextual e a dimensão relativamente modesta da amostra considerada, são vários os indicadores de semelhança desta em relação aos conjuntos citados de CSR, por um lado, e das recolhas efectuadas no Outeiro dos Castelos e no Cabeço do Cucão da Pedra Cavaleira por outro (*op.cit.*, Gráfico 1 e segs.).

Quadro-I

Forma	n
1.4	1
22.2	1
35.2	1
37.2	1
38.2	1
40.1	1
41.2	1
43.1	1
TOTAIS	8

As Formas identificadas são as constantes do Quadro-I.

Assim, a proporção das Formas específicas do Grupo Baiões/Santa Luzia, em relação com as provenientes do fundo comum neo-calcolítico e do Bronze Pleno regional (75% contra 25%) assume valores semelhantes, tal como a proporção de recipientes com acabamento brunido em relação aos restantes tipos de acabamento (31.6% contra 68.4%).

Por outro lado, a frequência das Formas do Grupo 1 - cerâmicas finas de acabamento brunido - em relação às do Grupo 2 - cerâmicas grosseiras de "armazenagem e/ou cozinha - é, também, muito próxima da verificada para os outros contextos cita-

dos afastando-se dos valores verificados para os tratamentos das superfícies, isto é, dos valores reais, tal como discutimos noutra local (SENNA-MARTINEZ, neste volume a., cf. Gráfico-5).

As pastas da amostra aqui em estudo são predominantemente compactas (90.5), homogéneas (47.6%) ou xistosas (33.3%), de cozedura predominantemente redutora (57.1%), com elementos não plásticos maioritariamente constituídos por micas (com presença média/forte na totalidade da amostra), seguidas do quartzo (presença média/forte em 47.6% da amostra) que assume a forma de elementos grosseiros conquanto bem calibrados em 76.2% dos recipientes identificados.

De entre as peças que possibilitaram reconstituição integral, importa destacar as seguintes:

<sup>6</sup> Calculado, após determinadas as associações de fragmentos e feitas as colagens possíveis, a partir dos exemplares com bordo presentes.

<sup>7</sup> Veja-se a análise tipológica completa desta amostra em SENNA-MARTINEZ, neste vol. a. onde igualmente se definem as diversas Formas específicas do Grupo Baiões/Santa Luzia e os parâmetros utilizados na análise comparativa efectuada.

- Nº 5 (Estampa-I) Taça de colo médio, de que recuperámos mais de 2/3, com asa de fita arrancando do bordo e sobre-elevada em relação ao plano deste, com base em omphalos (peça-tipo para o sub-tipo 38.2).
- Nº 2 (Estampa-III) Pote muito alto de colo exvertido, de que recuperámos mais de 1/3, com a superfície exterior cuidadosamente tratada a "cepillo".
- Nº 16 (Estampa-I) Prato em calote, excepcionalmente raso e de fundo reforçado, o desgaste aparente do fundo faz pensar numa utilização como suporte para modelagem de olaria (torno lento?).
- Nº 10 (Estampa-I) Provável base de vaso-suporte, o carácter diminuto do fragmento recuperado aconselha prudência nesta atribuição que, a confirmar-se, constituirá um novo tipo para o Bronze Final da região.

A relativamente elevada frequência da decoração (23.8 %, ou seja 5 recipientes em 21) aproxima-se do valor verificado para a ocupação do Bronze Final do Buraco da Moura de São Romão (24.3%), contrastando com os valores inferiores a 8% constatados para os restantes contextos habitacionais regionalmente estudados (SENNA-MARTINEZ, *et alii.*, neste vol. b.).

Apenas dois fragmentos de bojo de um mesmo recipiente, mas aos quais não é possível fazer corresponder uma Forma, apresentam decoração incisa pós-cozedura (Estampa-V: 21). O motivo corresponde ao número 214 da lista-tipo de Armando Coelho Ferreira da Silva (SILVA, 1986: Ests.LXVII).

Os cinco recipientes decorados são-no apenas sobre o bordo, por unguiação (Estampa-IV: 4; Estampa-V: 13 e 37) ou por impressão lateral de um pente (Estampa-V: 20). Esta última técnica é remanescente, como sobrevivência ou recuperação, de uma forma decorativa comum num dos *facies* calcolíticos desta região (VALERA, neste vol.).

## 5. Concluindo...

Pensamos que sítios como o Cabeço do Cucão da Pedra Cavaleira (SENNA-MARTINEZ, *et alii.*, neste vol. b.) e, talvez, a Malcata, ambos com contacto visual potencial com o Outeiro dos Castelos, possam ter desempenhado o papel de "atalaias" ou "vigias" em relação a este.

De facto, pensamos que o sítio do Outeiro dos Castelos de Beijós (SENNA-MARTINEZ & NUNES, neste volume.) pode ter constituído um habitat do tipo dos detectados e escavados no Cabeço do Crasto de São Romão (SENNA-MARTINEZ, 1989: 189-205), Senhora da Guia de Baiões (*Idem.*: 210-12), Santa Luzia de Viseu (*Idem.*, 213-14) e, mais semelhante ainda pela localização, o Crasto de São Cosme (Fig.1-4 - cf. *op.cit.*, 205-10).

Controlando um ponto tradicional de passagem da antiga via (hoje seguida em parte pela E.N.337) de Oliveira do Conde a Viseu, por S.Gemil (ALARCÃO, 1988: 104 e fig.20), o Outeiro dos Castelos não dispõe, contudo, de visibilidade sobre a plataforma do Mondego, que lhe fica sobranceira. Daí que seja lógico que sítios como o Cabeço do Cucão (e o próprio topónimo pode disso ser indicação) e a Malcata possam ter desempenhado o papel que propomos.

A Malcata, pela posição geográfica que ocupa e pelos dados contextuais atrás refe-

ridos, pode ainda ter constituído um "casal agrícola" na dependência do Outeiro dos Castelos. A evidência que nos foi possível recuperar aponta nesse sentido. Tal, contudo, não exclui a possibilidade de ter desempenhado, em simultâneo o papel de "atalaia", comandando a confluência do Dão e da Ribeira de Beijós, numa posição de visibilidade e controle da paisagem excelentes.

Sítios desta natureza são de difícil localização, mesmo na prospecção mais cuidada, pelo que nos é forçoso reconhecer que, não fora o próprio acto que o destruiu, revelando-o em simultâneo, nos seria impossível conhecê-lo. Tal denota a importância de que se reveste o acompanhamento de trabalhos agrícola-florestais desta natureza por pessoal com a adequada formação arqueológica. Bom seria que o caso aqui alvo de estudo não fora apenas feliz excepção. Fique a observação, como alerta a quem de direito deveria velar pela preservação do nosso património arqueológico numa região em que os plantios de eucalipto têm, crescentemente, vindo a afectar áreas cada vez de maior dimensão.

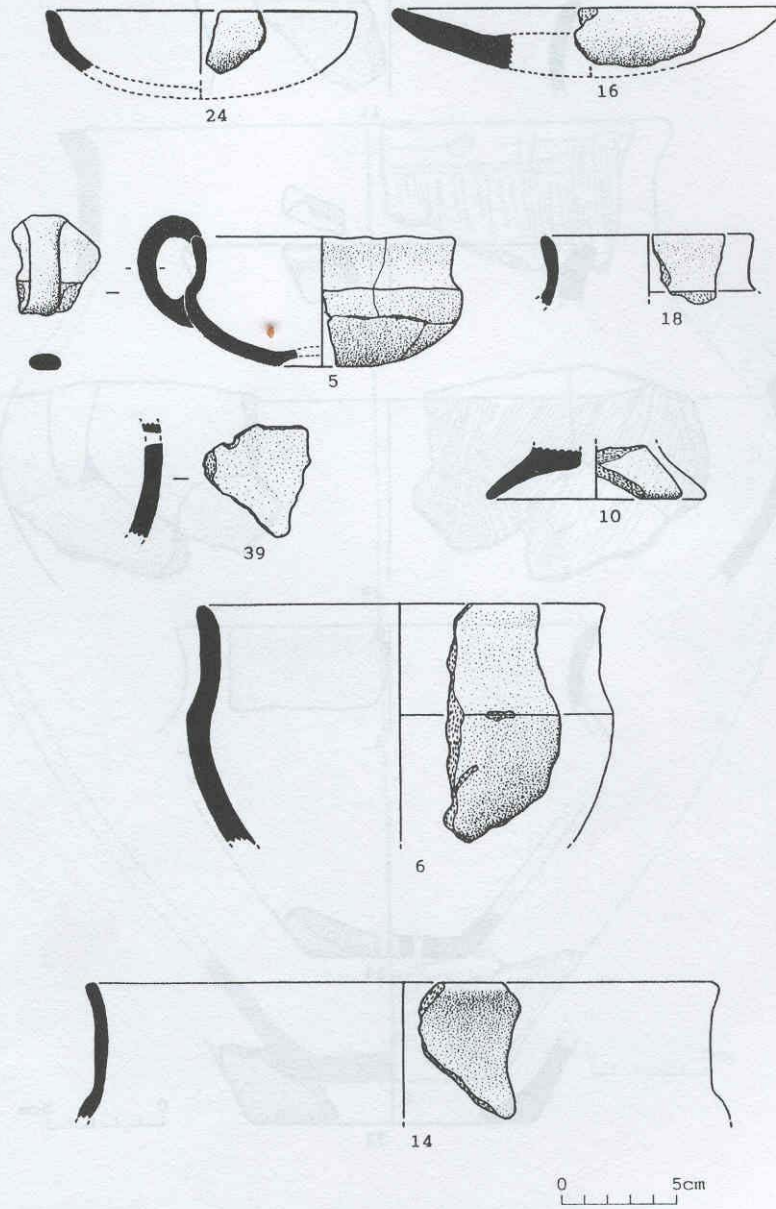
#### REFERÊNCIAS:

- ALARCÃO, J. 1968. *O Domínio Romano em Portugal*, Europa-América, Mem Martins
- SENNA-MARTINEZ, J.C. 1986. "Cabeço do Crasto - S.Romão. 1a. Campanha", in: *Informação Arqueológica*, 7, pp.44-6
- SENNA-MARTINEZ, J.C. 1989. *Pré-História Recente da Bacia do Médio e Alto Mondego: algumas contribuições para um modelo sociocultural*, Tese de Doutoramento em Pré-História e Arqueologia, Faculdade de Letras de Lisboa, 3 Vols., policop.
- SENNA-MARTINEZ, J.C. neste vol. a. "O Grupo Baiões/Santa Luzia: contribuições para uma tipologia da olaria", comunicação às *I Jornadas de Arqueologia da Beira Interior*, Castelo Branco, 1991.
- SENNA-MARTINEZ, J.C. neste vol. b. "A ocupação do Bronze Pleno da 'Sala 20' do Buraco da Moura de São Romão", comunicação às *I Jornadas de Arqueologia da Beira Interior*, Castelo Branco, 1991.
- SENNA-MARTINEZ, J.C. no prelo. "Habitates do Bronze Final na Bacia do Médio e Alto Mondego: algumas reflexões", comunicação ao simpósio "*O Bronze Final na Beira Interior*", Mação, Museu Municipal Dr. João Calado Rodrigues, 4-6 de Maio de 1988
- SENNA-MARTINEZ, J.C. & COELHO, M.N. no prelo. "O Castro de S.Cosme, os trabalhos de 1987", in: *Informação Arqueológica*, 9
- SENNA-MARTINEZ, J.C.; GUERRA, A. & FABIÃO, C. 1986. "*Cabeço do Crasto*", São Romão, *Seia. A Campanha 1(1985)*, Catálogo da Exposição Temporária - FIAGRIS/86, UNIARCH/GHAS, Lisboa
- SENNA-MARTINEZ, J.C. & NUNES, T. neste vol. "A ocupação do Bronze Final do Outeiro dos Castelos (Beijós): uma primeira análise", comunicação às *I Jornadas de Arqueologia da Beira Interior*, Castelo Branco, 1991.
- SENNA-MARTINEZ, J.C., *et alii.*, neste vol. a. "A ocupação do Bronze Final do Buraco da Moura de São Romão", comunicação às *I Jornadas de Arqueologia da Beira Interior*, Castelo Branco, 1991.
- SENNA-MARTINEZ, J.C., *et alii.*, neste vol. b. "A ocupação do Bronze Final do Cabeço do Cucão, Pedra Cavaleira (Silgueiros, Viseu): uma primeira análise", comunicação às *I Jornadas de Arqueologia da Beira Interior*, Castelo Branco, 1991.
- SILVA, A.C.F. 1986. *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*, Paços de Ferreira, Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins

---

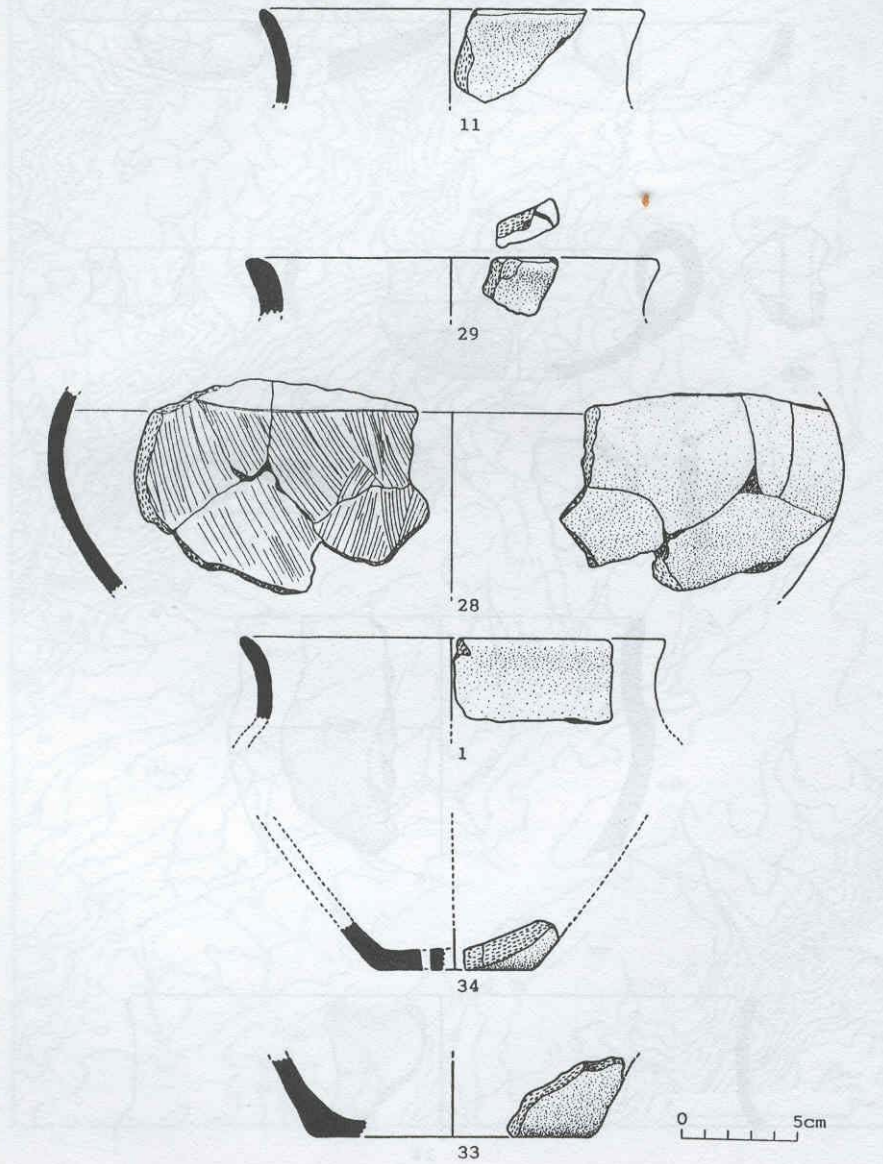
**Fig.1** (na pág. seguinte)- Localização na Carta 1:50000 dos sítios de habitat do Bronze Final dos Concelhos de Carregal do Sal e Oliveira do Hospital: 1- Outeiro dos Castelos de Beijós; 2- Cabeço do Cucão da Pedra Cavaleira; 3- Malcata; 4- Crasto de São Cosme.



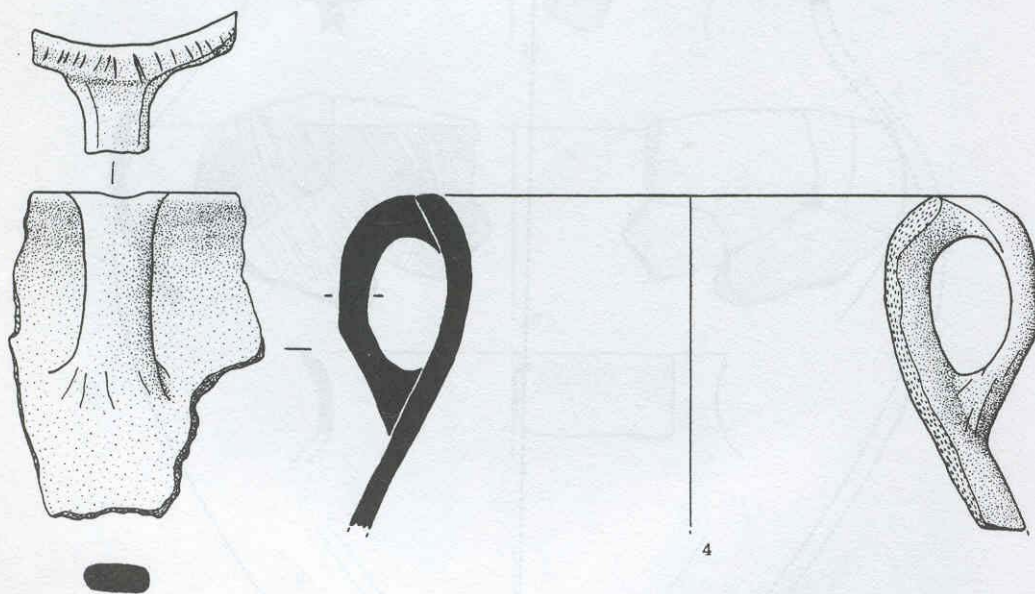


Olaria do Bronze Final da Malcata: Prato em calote, sub-tipo 1.4 [16]; Taça de carena média, sub-tipo 22.2 [24]; Pote de carena alta e colo estrangulado, sub-tipo 35.2 [6]; Taça de colo médio, sub-tipo 38.2 [5]; Pote de colo fechado, sub-tipo 40.1 [14]; Fragmento de "vaso suporte" [10].

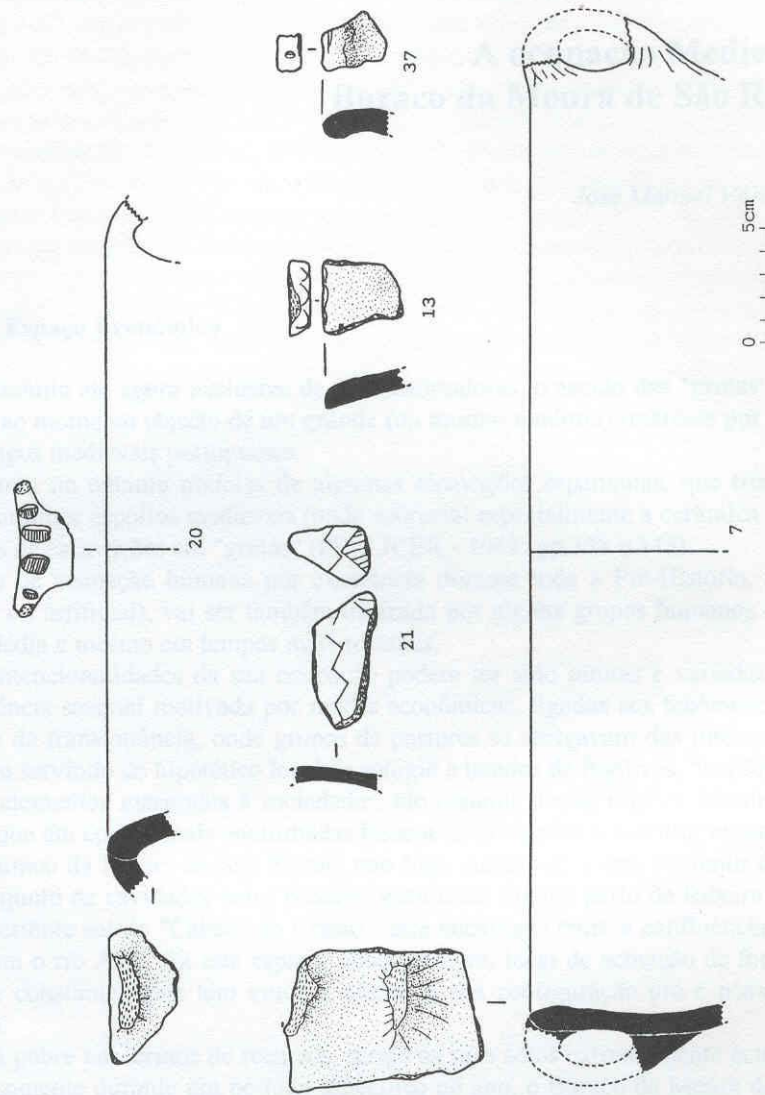




Olaria do Bronze Final da Malcata: Urna (?), sub-tipo 37.2 [1,34]; Fragmento de recipiente com acabamento exterior brunido e interior em "cepillo" [28]; Fragmentos de bordo [11,29]; Base plana [33].



Olaria do Bronze Final da Malcata: Panela muito alta de colo muito baixo, sub-tipo 43.1 [4], com o bordo decorado por ungulações.



Olaria do Bronze Final do Cabeço da Malcata: Fragmentos de bordo decorados com ungulações [13,37]; Fragmento de bordo decorado com impressões a pente lateral [20]; Fragmentos de bojo com decoração incisa pós-cozedura [21]; Fragmento de bordo [7].